

1. Consegue precisar o momento em que tomou consciência de que seria na música que encontraria a sua forma preferencial de expressão?

Aconteceu tarde. Não sei precisar mas posso garantir que foi já numa fase avançada da minha carreira: fim dos anos 90, talvez por aí.

2. E o piano, foi amor à primeira audição?

Não. E quando começamos a aprender a tocar o instrumento deparamo-nos com as dificuldades técnicas e de expressão. Passaram-se 15 longos anos – ou mais – até que eu me apercebesse de que já conseguia fazer qualquer coisa, apesar de nessa altura ainda “mentir” muito ao piano.

3. Nesses tempos iniciáticos quais eram as suas principais referências?

Todos os grandes pianistas de jazz. Todos! São muitos. Passei anos a tentar copiá-los. É o que se faz geralmente até chegar a altura de se encontrar uma voz mais pessoal.

4. Considera-se um músico e compositor de jazz ou tal afirmação é demasiado redutora para a música que faz?

Acho que me posso considerar um pianista de qualquer coisa livre, sem a limitação que determinados rótulos impõem. Nasci no jazz. E sim, já escrevi muita música mas sobre o título de compositor tenho muitas dúvidas... Bach, Mozart, Stravinsky, Messiaen, entre muitos outros, foram verdadeiros compositores; Duke Ellington e Thelonious Monk foram genuínos compositores. Parece-me que existem demasiados títulos de “compositor” nos dias que correm – e aí me incluo –, muito mais do que compositores com C grande. Hoje, todos são compositores, todos são actores, todos são músicos, todos escrevem; e estão todos ao mesmo nível, o que é espantoso! – é um mal moderno de difícil resolução.

5. Atrevo-me a afirmar que muita da música que escreve tem os pilares assentes em certa formas do piano clássico... Concorda?

Concordo. É apenas uma questão de sonoridade, de procura de todas as subtilezas que a linguagem musical pode oferecer, seja ela clássica, erudita ou intimamente ligada à vertente da improvisação – isto tendo como princípio de que a improvisação também se trabalha técnica e conceptualmente. Os motivos musicais que, geralmente, acabam em temas do meu repertório nascem sempre de improvisos.

6. Que espaço concede à componente de improvisação?

O maior possível, se bem que, muitas vezes, seja estruturado e obedecendo quase sempre a um centro tonal; mas tenho experimentado cada vez mais a atonalidade e os sons experimentais, sobretudo como formas de dinâmica e tensão. O caminho para a resolução é na grande maioria da vezes o meu principal objectivo. Mas os gestos de liberdade na música representam tudo para mim enquanto intérprete.

7. Gustav Mahler dizia que "tudo está escrito numa partitura, excepto o essencial"...

[comentar]

Concordo... e o essencial não se explica, vive dentro do intérprete. Ouçam-se, por

exemplo, as dezenas de versões das Variações Goldberg (de J. S. Bach) ou as centenas de interpretações dos vários temas de Thelonious Monk; assim talvez se explique muita coisa. O cérebro dos intérpretes funciona como filtro, as mãos ditam o que lhes vai na alma. Interpretar música é, salvo raras exceções, uma forma de espelhar as nossas emoções, transmitindo-as a outros. É muito complexo.

8. A escrita para cinema e teatro constituem duas áreas que tem explorado com alguma regularidade. Como garante a cumplicidade entre o que se passa na tela ou no palco e a música que compõe?

Não garanto de forma nenhuma. Mas tento. Neste meio de colaboração como é o teatro ou o cinema – muito importantes para a minha carreira, aliás – trata-se de equilibrar as sensibilidades de uns e de outros e, no caso da música, contribuir solidamente com elementos que possam transmitir o que está escondido para além dos textos ou das imagens. Este é, para mim, o maior interesse desta actividade colaborativa, ainda que, apesar de tentar, eu não possa garantir que exista uma verdadeira cumplicidade entre a representação musical – que me é pedida – e as personagens, os sentimentos ou as mais variadas situações circunstanciais de uma história. Cabe ao realizador ou encenador decidir se a música é ou não apropriada.

9. A fotografia é outra das suas paixões... Fotografia e Música são artes que de alguma forma se completam no seu imaginário?

A fotografia persegue-me diariamente. Não é uma paixão, é uma necessidade de olhar para o mundo através daquele visor rectangular ou, não tendo a câmara comigo, imaginar simplesmente as imagens, as sombras e a luz que poderiam resultar de um determinado momento. E às vezes acontecem pequenos inesperados milagres! As imagens da música e a música das imagens complementam a criação artística que persigo.

10. Criou-se à sua volta a imagem de um músico metódico, perfeccionista, solitário... Fale-nos um pouco do seu processo de criação.

Não é tão metódico quanto isso... é mais intuitivo. O meu método de trabalho é muito irregular. De uma coisa tenho a certeza: preciso de muito tempo de introspecção e espaço para pôr as ideias em prática, ao piano ou em partitura.

11. Entendo muita da sua música como exercícios de diálogo com o silêncio... Qual é a sua relação com o silêncio? Considera que numa sociedade ruidosa, como aquela em que vivemos, o silêncio é uma necessidade? É-o também para si?

É do silêncio que nasce tudo. Para mim, o vazio é sempre o princípio de qualquer representação artística, do real e do imaginário. Isto pode parecer uma teoria muito abstracta mas eu acredito que, mais do que descrever o processo, se pode e deve trabalhar este conceito interiormente. Por outro lado, o silêncio na música só pode fazer sentido se existir o seu extremo oposto, imediata ou gradualmente.

12. A sua música encerra uma grande carga emocional, um sentimento de ausência e nostalgia que diria muito português... É assumido?

Não. Nunca pensei realmente sobre se é ou não português. Foi em Portugal que nasci e dei os primeiros passos na música; depois fui para Nova Iorque e Barcelona, mas só

assentei definitivamente a minha carreira em Londres – no princípio dos anos noventa e durante quase 9 anos; depois voltei a viver mais regularmente em Lisboa; agora vivo mesmo em Lisboa com saídas cada vez mais regulares. Mas estou já a pensar em sair outra vez: acredito que o faça muito brevemente... mas, lá está, depois cansar-me-ei e voltarei sempre para Lisboa. Acho que tem razão na sua afirmação: isso é que é ser português. Obrigado! Nunca tinha pensado nesses termos...

13. Depois de ter estado cerca de sete anos sem gravar em nome próprio, regressou aos discos em 2002, com "Nocturno", acompanhado por Carlos Barretto e Alexandre Frazão. Este momento terá sido, de alguma forma, um ponto charneira na sua carreira?

É talvez o momento que mais relembro e que maior importância teve no meu percurso, a par com a experiência de escrever a banda sonora para o filme “Quaresma”, de José Álvaro Morais. Passei anos às voltas com uma música que pouco me dizia respeito. No entanto, esses 7 anos e todos os que para trás ficaram não foram um equívoco mas sim uma aprendizagem: o jazz de uma ponta à outra, os sons afro-latinos, as saídas de Portugal, etc... Mas só com este trio é que fui descobrindo uma interioridade e uma relação com a música muito mais profundas.

14. A partir de então tem editado a um ritmo assinalável...

É verdade. Chegou agora a altura de desacelerar. Vou mesmo parar com as edições discográficas por dois ou três anos, reaprender a tocar piano e experimentar coisas novas...

15. O seu ambicioso projecto "Unreal: Sidewalk Cartoon" extravasou os limites da música, alargando-se ao vídeo e à palavra escrita. Ficou satisfeito com o resultado? Pensa empreender no futuro outros projectos que aglutinem diferentes linguagens artísticas?

Fiquei muito contente. Foi um projecto que levou quatro anos de muito trabalho a preparar visualmente e dois anos a executar musicalmente. Mais de oitenta pessoas estiveram envolvidas nos processos de criação e edição do cd, do livro, do filme e do espectáculo “Unreal”. Mal sabia eu onde me estava a meter! Foi também a primeira vez que senti uma divisão enorme da crítica e do público em geral na apreciação de um projecto meu – o que me é extraordinariamente estimulante. Tenho quase a certeza de que o futuro das artes é o de juntar as visuais com as auditivas.

16. Os seus últimos discos têm conquistado um significativo sucesso comercial, sem precedentes no panorama do jazz nacional. Como lida com este facto?

Não conheço os números de discos vendidos. Sei que os japoneses gostaram, por exemplo, do Nocturno [risos]. A minha relação com a editora Clean Feed é estritamente musical e existe um esforço e uma necessidade conjuntos de manter vivo aquilo que penso e faço. Sei também que o Nocturno foi o grande “sucesso” de vendas; a partir daí é (e será) sempre a descer – é uma “regra” quase infalível. Tudo isto para dizer que me importo pouco com as vendas, a coisa vai-se compondo; o que eu quero mesmo é tocar!

17. Alguns críticos têm manifestado uma fúria quase inquisitória contra a importação de material estranho ao jazz: lembro-me de Brad Mehldau, Ethan Iverson (dos The Bad Plus) – responsáveis por versões de temas rock – Uri Caine ou Joachim Kuhn, que se têm

debruçado sobre obras de compositores clássicos. Vê com bons olhos este entrecruzar de universos musicais?

“Fúria”? Isso é muito bom! Quer dizer que provoca qualquer coisa nas pessoas? Digam-me quem são eles!... É apenas uma questão de gostos e de escolhas. É legítimo. Ponto. E esses músicos que citou são todos magníficos e fazem a sua música com extrema liberdade e coerência. Isso é que me parece importante. A “inquisição” de que fala é patética, ou não será?

18. António Pinho Vargas referiu recentemente a sua dificuldade em imaginar que "em 2047 o grande acontecimento musical seja uma nova integral das sinfonias de Beethoven". Considera que no jazz se está a passar o mesmo? Olha-se demasiado para trás?

No jazz, no jazz... Alguns olham para trás; outros bloqueiam e só se dedicam a um estilo; existem ainda os outros que se estão nas tintas e só querem fazer música; mas os meus preferidos são aqueles que se estão mesmo nas tintas, olham para trás e para a frente e vêm na música um desafio, um revivalismo, uma atracção pelo desconhecido – com ou sem *zimbádim**! – e também uma nova integral das sinfonias de Mahler em 2087, passe a ironia.

* expressão que define o acompanhamento clássico da bateria no jazz, isto é, o *swing*.

19. Tem trabalhado em diversas ocasiões o repertório de José Afonso, nomeadamente no dueto com Mário Laginha. O que mais lhe interessa na obra de José Afonso?

O seu lado genuíno na criação de canções, as boas melodias e a perspectiva de que se podem fazer arranjos muito interessantes e pessoais à sua volta. E porque respiro naturalmente aquela música desde que nasci.

20. Este é o ano do décimo aniversário do Bernardo Sasseti Trio. Que balanço faz desta verdadeira *joint-venture* musical?

É um projecto com o qual aprendi muito. Tenho com o Carlos Barretto e com o Alexandre Frazão uma relação musical quase telepática. Ainda bem que não o é totalmente. Se assim fosse, perderia o interesse e deixaríamos de tocar juntos.

21. Tem trabalhado como músico, compositor e arranizador em diferentes ambientes: solo absoluto, duetos, trios, com formações mais alargadas. Sente uma apetência especial por algum destes contextos?

Sim, pelas formações pequenas. O referido trio, os dois pianos com o Mário Laginha, o quarteto do Perico Sambeat e, claro, o eterno projecto a solo. Trabalhar com orquestra já me deu algum prazer mas, salvo raras excepções, não é ali que encontro os músicos para a música que quero fazer. E não gosto da ideia dos horários de ensaio estabelecidos com o rigor das 3 horas por dia. Nunca, em nenhuma ocasião em que toquei com orquestra, consegui ensaiar ao ponto de se criar uma verdadeira sonoridade de grupo ou trabalhar com profundidade as subtilidades de uma peça. Para além disso, trata-se apenas de uma relação profissional – algumas vezes pouco musical – e que não passa de todo por uma pessoal. E isso revela tudo.

22. Está a estreiar-se no Fender Rhodes, no âmbito do novo projecto de Carlos Barretto, In Loko. Estas experiências têm sido estimulantes?

Já toquei e gravei muito com Fender Rhodes, acontece que foi fora de Portugal. O In Loko é um prazer absoluto, uma maluqueira e uma valente pedra! – pela liberdade de expressão inerente à própria música e pela procura de novos sons. É um projecto recém-nascido e já se escreveu que aquela “música já foi feita”. Aí sim, digo sem qualquer ironia, parece-me lamentável que ainda exista a ousadia de se pegar por aí...

23. Como analisa o actual momento do jazz em Portugal? De entre as gerações mais novas, destacaria alguns nomes que aprecia particularmente?

Um verdadeiro *boom* de malta nova a tocar bem, com amor ao jazz e muito empenho. A mais recente Festa do Jazz do São Luiz revelou uma série de jovens com imenso talento. Não destaco nenhum para não correr o risco de me esquecer de outros. Também a crítica está a evoluir bem: muita gente nova a escrever com a abertura de espírito que é necessária para transmitir a outros o que hoje se faz no jazz. Só tenho pena que o espaço para escrever na comunicação social seja tão reduzido. Fico por vezes com a sensação de que as palavras que se escrevem são muito vagas em relação à música a que elas se referem.

24. Tem ideias concretas sobre o que vai fazer a seguir?

Profissionalmente: estudar piano, tentar evoluir com os principais projectos que mencionei, ler muitos livros como sempre e continuar com a actividade fotográfica. Pretendo re-estabelecer a minha carreira em Londres, onde ela efectivamente começou de forma mais activa.

25. Retomando o título de uma peça para a qual escreveu a banda sonora – "Dúvida" (CD editado pela Trem Azul) – é importante para um músico ter dúvidas?

Essa é a única certeza que tenho, possivelmente a única que me permitirá continuar esta loucura que é ser músico.